

# 15 ANOS DE LUTA QUILOMBOLA EM MINAS GERAIS



## A FORMAÇÃO DO MOVIMENTO QUILOMBOLA EM MINAS GERAIS E A CRIAÇÃO DA N'GOLO: BREVE HISTÓRICO<sup>1</sup>

João Batista de Almeida Costa

Em 2003 a Fundação Cultural Palmares organizou e realizou na Casa do Conde, em Belo Horizonte, o *I Encontro Mineiro de Comunidades Negras e Quilombos. Territórios Culturais: As dimensões produtivas, sociais e simbólicas dos quilombos* quando se encontraram pela primeira vez dezenas de membros de comunidades reconhecidas como Comunidades Remanescentes de Quilombo em Minas Gerais. Foram três dias de contato intenso em que dimensões produtivas, sociais e simbólicas foram apresentadas, discutidas, dialogadas e, pelo poder da enunciação, encantaram a todos os presentes. E, também, a apresentação e discussão sobre os direitos ao território cultural bem como as políticas públicas direcionadas aos remanescentes de quilombo no país.

Subliminarmente, um incômodo emergiu e foi, aos poucos, sendo compartilhado entre os representantes das comunidades presentes, que mais se destacavam nos diálogos e discussões: a ausência da dimensão política. E nos intervalos de discussões sobre os direitos quilombolas - além das rodas de batuque, da rezação cantada do terço de Nossa Senhora, do culto à Senhora do Rosário por um terno de congado - as conversas sobre a importância da criação de uma entidade representativa dos quilombos de Minas Gerais. Antes do final do encontro, representantes das setenta e duas comunidades presentes, criaram uma *Comissão Provisória Quilombola*, com eleição de representantes por região do estado, com a finalidade

---

<sup>1</sup> João Batista de Almeida Costa, doutor em Antropologia e professor pesquisador na Universidade Estadual de Montes Claros. [d.jobacosta@gmail.com](mailto:d.jobacosta@gmail.com)  
Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais – N'Golo  
Rua Demétrio Ribeiro nº 195, Vera Cruz – Belo Horizonte/MG  
E-mail: [federaçãongolo@yahoo.com](mailto:federaçãongolo@yahoo.com)  
Fone: (31) 3224-7659 / (31) 999247-7117 (Assessoria)

# 15 ANOS DE LUTA QUILOMBOLA EM MINAS GERAIS



de representá-los na luta por seus direitos. E o *I Encontro Mineiro das Comunidades Negras e Quilombolas* foi encerrado, mas a semente da articulação política, fora da esfera governamental, foi plantada.

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva - CEDEFES apresentou-se como parceiro fundamental, assessorando os representantes regionais das comunidades quilombolas e viabilizou os meios financeiros necessários para a mobilização dos mesmos, objetivando aprofundar as discussões sobre os direitos quilombolas e a criação de uma entidade representativa. A Comissão Provisória realizou em 2004 três reuniões, quando discutiram a forma e o conteúdo da entidade na primeira reunião realizada em Montes Claros/MG. Foram três dias de intensa integração entre todos os presentes, intensa discussão sobre as realidades vividas em suas comunidades e em outras comunidades com as quais tinham contato e profunda e sistemática discussão sobre o caráter da entidade, cuja forma e conteúdo, deveriam ser apresentados em reuniões regionais. E assim, foi construída a minuta do Estatuto da entidade, com caráter federativo. Outras duas reuniões foram realizadas em regiões de maior aglutinação de comunidades negras quilombolas, para apresentação do resultado da primeira reunião e ajustamento de algumas questões que os representantes das comunidades presentes julgaram pertinentes.

Em junho de 2005, na Escola Sindical - no Barreiro, em Belo Horizonte - durante três dias, 170 quilombolas representantes de 76 comunidades negras e quilombolas de Minas Gerais e membros do Movimento Negro Urbano de Belo Horizonte, estabeleceram diálogos e discussões, mesmo com divergências entre os presentes e consolidaram a organização política formulada pela Comissão Provisória Quilombola em suas três reuniões regionais. Este foi um momento de aprendizado e de ação democrática, todas as divergências foram ouvidas, todas as questões discordantes foram debatidas. A mesa, composta pelos representantes que construíram a forma e o conteúdo, além do caráter da entidade, conduziu com maestria democrática todo o processo e também a ouviu com respeito à exposição da situação em que vivem as comunidades presentes: a grilagem das terras, a parcimônia de políticas públicas, a

# 15 ANOS DE LUTA QUILOMBOLA EM MINAS GERAIS



falta de geração de renda nas localidades, entre outros problemas. E, durante o último dia, foi criada a *Federação Estadual das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais*. Em seguida, divididos em grupos, discutiram um planejamento de ações e, ao final, houve a eleição, por aclamação, da primeira diretoria.

A Federação é composta por uma diretoria e um conselho fiscal com mandato de três anos, sendo a diretoria formada por seis diferentes cargos: Diretor Presidente; Diretor de Administração e Finanças; Diretor de Educação Política, Formação e Comunicação; Diretor de Promoção da Igualdade Racial e Direitos Humanos; Diretor de Etnodesenvolvimento Sustentável e Coordenadoria da Comissão Estadual de Mulheres. Ademais, o Conselho Fiscal é formado por seis pessoas, sendo três titulares e três suplentes.

Antes de dar por encerrado o encontro de fundação da entidade federativa das comunidades quilombolas de Minas Gerais, foi proposta a nomeação, com uma palavra bantu, o nome simbólico da entidade: *N'Golo*. D'jalma Antônio da Silva, antropólogo e padre, sugeriu a palavra que em *kingongo* significa força e poder pela união. A significação dada por ele, que viveu um tempo em Angola, encontrou ressonância entre todos os presentes, pois a conquista dos direitos quilombolas só ocorreria pela força e pelo poder da união de todos os membros das comunidades negras que se auto afirmam, se reconhecem e são certificadas pela Fundação Cultural Palmares como comunidades *remanescentes de quilombo* que, no Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias que define a exigência do Estado em regularizar os territórios tradicionalmente ocupados pelas comunidades.

Posteriormente, se descobriu que há também a denominação de dança ritual da etnia Mucope, em Angola, região sul da África, conhecida como a *Dança da Zebra*, que ocorre durante a festa da puberdade ou *Efundula*. Na ocasião, os adolescentes formam uma roda; com uma dupla ao centro desferindo coices e cabeçadas um no outro, até que um seja derrubado ao solo e assim, afirmando-se em sua humanidade como adulto, capaz de defender o grupo do qual faz parte.

# 15 ANOS DE LUTA QUILOMBOLA EM MINAS GERAIS



Em função do tráfico negreiro para o Brasil, muitos foram os conhecedores dessa dança ritual que vieram para cá. A necessidade de resistir à escravidão, no entanto, fez com que percebessem que os seus movimentos, marcadamente de pernas, poderiam ser utilizados como luta e combate pessoal. Assim, o N'Golo ficou conhecido no Brasil como a dança ritual que deu origem à capoeira, tendo sido difundido como símbolo de resistência e luta dos afrodescendentes.

## **As lutas, as andanças e a busca da consolidação da N'Golo**

A primeira diretoria, com o apoio do CEDEFES e outras entidades, definiu a partir do planejamento das ações, construída durante o Encontro em que ocorreu a fundação da Federação, deu continuidade às atividades de mobilização e integração do movimento, ao mesmo tempo em que, sob a coordenação de Maria Elizabete Gontijo dos Santos e Pablo Matos Camargo, desenvolviam uma pesquisa sobre a realidade de todas as comunidades negras rurais e urbanas existentes em Minas Gerais.

Em 2007, no final de março, foi realizado o *II Encontro das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais* na cidade de São João da Ponte, situada no Norte de Minas, cujo município possuía, naquele momento, a maior concentração de comunidades quilombolas já auto afirmadas e reconhecidas. Durante o encontro, foi definido que a regularização de seus territórios é essencial para que a sua cidadania e diversidade étnicas sejam preservadas. Assim, a principal reivindicação surgida no encontro foi a titulação das terras quilombolas, pois constatou-se que das 450 comunidades existentes no Estado, apenas uma obteve a regularização do seu território, e esse, lamentavelmente, se encontra em sua quase totalidade submerso em decorrência da construção de represamento do rio Jequitinhonha com a construção da Usina Hidrelétrica de Irapé.

Em 2008, tendo sido encerrada a pesquisa sobre a realidade das comunidades quilombolas em Minas Gerais, foi lançado o livro, organizado por Maria Elizabete Gontijo

# 15 ANOS DE LUTA QUILOMBOLA EM MINAS GERAIS



dos Santos e Pablo Matos Camargo: *Comunidades Quilombolas de Minas Gerais no Século XXI*.

O II Encontro das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais foi realizado em novembro de 2009, na cidade de Contagem. Além da atuação da N'Golo, houve o apoio, sempre presente e sistemático do CEDEFES, do Escritório de Direitos Humanos do Estado de Minas Gerais, do Instituto de Terras de Minas Gerais e do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome.

O III Encontro das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais foi fruto da articulação dos movimentos sociais e quilombolas que acontece em Minas Gerais desde o início dos anos 2000. A vinculação entre entidades governamentais e não governamentais é recorrente desde o início dos anos 2000 no interior dos movimentos sociais existentes no Estado e propiciou, desde o início, condições para a formação e fundação da Federação das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais – N'Golo. Vale ressaltar que tal fato se consolida frente ao cerceamento e pressões por parte do Estado, contribuindo para a conturbação do processo quilombola, diante dos direitos já adquiridos. O principal objetivo desse encontro foi o fortalecimento e a melhor organização da entidade federativa e nele estiveram presentes 230 representantes quilombolas de 76 comunidades, de várias regiões do Estado de Minas Gerais.

O direito constitucional quilombola ao território tradicionalmente ocupado, aos modos de criar, fazer e viver, ou seja, à cultura, e à tradição, visa contribuir para uma vida digna em todas as mais de 700 comunidades negras espalhadas territorialmente por toda Minas Gerais. E, também, à informação sobre as políticas de demarcação e de regulamentação das terras quilombolas, que as instituições presentes em terras mineiras não viabilizam a concretização do direito territorial, pois veem sofrendo cerceamentos por parte do agronegócio e de organismos do próprio estado, que sobrepõem unidades de conservação da natureza aos territórios de dezenas de Quilombos já certificados pela Fundação Cultural Palmares. Esse contexto torna-se ainda mais agudo no atual momento de ataques aos direitos do povo

# 15 ANOS DE LUTA QUILOMBOLA EM MINAS GERAIS



brasileiro e de desmonte das políticas sociais e afirmativas. Mais do que nunca, o *Canjerê* se fez e se faz necessário.

Em sua trajetória, a estruturação em seus primeiros passos, viabilizou e concretizou profunda articulação entre as comunidades quilombolas em Minas Gerais, o que contribuiu para fundamentar melhor organização da entidade e de seus associados. Além disso, tal processo propiciou maior visibilidade e força política aos quilombolas mineiros que se encontram vinculados à Coordenação Nacional dos Quilombos (CONAQ) e se fez presente em atividades e ações tanto em Minas Gerais, quanto no Brasil e no exterior, notadamente, junto à Organização das Nações Unidas e à Organização dos Estados Americanos.

Com a visibilização de centenas de comunidades por toda Minas Gerais, que passaram a se auto afirmar como Comunidade Remanescente de Quilombo e a reivindicarem direitos constitucionais - à partir da tomada de conhecimento da ação da N'Golo - organizada em comitês regionais, sendo cada um responsável pelos contatos com outras comunidades, ainda, desconhecedoras de seus direitos territoriais e culturais, foi necessário fazer uma atualização do número de comunidades negras auto afirmadas existentes e das condições de vida em cada uma delas.

O CEDEFES, por meio de sua associada Agda Marina Ferreira Moreira, empreendeu a busca das informações da totalidade de comunidades negras visibilizadas em suas lutas pelos direitos constitucionais por meio do projeto *Quilombo Gerais*. O resultado da pesquisa foi divulgado por meio da publicação *Comunidades Quilombolas de Minas Gerais: entre direitos e conflitos*.

Após o terceiro encontro, a diretoria e os representantes das 700 comunidades quilombolas que foram visitadas por membros da N'Golo, compreenderam que era necessário propor um evento de âmbito estadual a ser realizado em Belo Horizonte objetivando dar maior visibilidade à causa quilombola e que o mesmo fosse um espaço em que a cultura, a produção, a tradição, a religiosidade estivessem presentes. E, principalmente, por sua conotação política a reivindicação específica de efetivação de política públicas focalizadas e

# 15 ANOS DE LUTA QUILOMBOLA EM MINAS GERAIS



pela possibilidade de viabilizar maior participação das diversas instâncias do governo de Minas Gerais nos espaços de trocas e debates das mais diversas questões concernentes à realidade quilombola. Ao mesmo tempo em que a ampla e diversa expressividade cultural dos quilombos mineiros deveria ser posta à visibilização da sociedade e da imprensa como forma de tocar as pessoas individual e institucionalmente. O slogan definido: *Se junte à irmandade, irmão, se aquilombe* expressa o querer dos quilombolas frente à sociedade mineira, notadamente à população negra espalhada por todo Estado de Minas Gerais.

Assim foi criado o *Canjerê - Festival de Cultura Quilombola de Minas Gerais* com o objetivo de possibilitar o intercâmbio entre as comunidades quilombolas do estado e contribuir para a divulgação, junto à sociedade mineira e brasileira, de suas realidades, cultura e lutas. Por outro lado, fortalecer a organização das famílias quilombolas em âmbito local, regional e a estadual, legitimando a Federação como instância de representação dessa população tradicional. E, ainda, contribuir para a formação dos jovens e de lideranças quilombolas no que se refere a diferentes temas, a partir da realização de oficinas, ministradas por mestres de diferentes áreas e comunidades. E, por fim, divulgar a produção quilombola (agropecuária, artesanal, culinária, medicinal, etc.), como forma de permitir que as famílias, comunidades e organizações associativas possam obter renda extra com a sua comercialização na feira do evento e estabelecer contatos para vendas regulares em Belo Horizonte e região.

Foram realizadas três edições do Canjerê nos anos 2015, 2016 e 2018 que tem cumprido o papel de ser um espaço de encontros, aprendizados, debates e compartilhamentos, além de contribuir para dar visibilidade à cultura tradicional quilombola, síntese da resistência histórica de um povo e da influência da matriz africana na construção civilizatória da sociedade brasileira.

# 15 ANOS DE LUTA QUILOMBOLA EM MINAS GERAIS



## Referências Bibliográficas

CANJERÊ. Evento. <https://www.facebook.com/events/funarte-mg/canjer%C3%AA-festival-de-cultura-quilombola-de-minas-gerais/711092902361599/>. Acessado em 05/11/2019 às 19:24.

CEDEFES – Centro de Estudos Eloy Ferreira da Silva. <https://www.cedefes.org.br/>. Acessado em 06/11/2019 às 10:12.

MOREIRA, Agda Marina Ferreira (org). *Comunidades Quilombolas de Minas Gerais: entre direitos e conflitos*. Belo Horizonte: CEDEFES; Aachen: BISCHOFliches HILFSWERK MISEREOR E. V., 2013.

N'GOLO – Federação das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais. [https://www.facebook.com/pg/quilombolasmg/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/quilombolasmg/about/?ref=page_internal). Acessado em 05/11/2019 às 08:32.

SANTOS, Elizabete Gontijo dos e CAMARGO, Pablo Matos. *Comunidades Quilombolas de Minas Gerais no Século XXI*. Belo Horizonte: Cedefes; Autêntica, 2008.